

Debate: marxismo e anarquismo

Michael Löwy
Olivier Besancenot
René Berthier

Apresentação

A última edição da revista *Mouro* (nº 10) publicou a resenha de um livro recentemente lançado por Michael Löwy e Olivier Besancenot, ambos ligados ao Nouveau Parti Anticapitaliste (NPA), intitulado *Affinités révolutionnaires. Nos étoiles rouges et noires. Pour une solidarité entre marxistes et libertaires*.¹ O livro dos dois militantes buscava levantar possibilidades de aproximação entre marxistas e anarquistas. Em seguida, o anarquista René Berthier publicou *Affinités non électives*, cujo subtítulo é elucidativo: “A propósito do livro de Olivier Besancenot e Michael Löwy”.² Apesar de, como veremos em seguida, Berthier não apresentar o livro exatamente como uma “resposta”, a obra apresenta um diálogo do ponto de vista de um libertário.

-
1. Michael Löwy; Olivier Besancenot, *Affinités révolutionnaires. Nos étoiles rouges et noires. Pour une solidarité entre marxistes et libertaires*, s/l: Mille et une nuits, 2014.
 2. René Berthier, *Affinités non électives : A propos du livre d'Olivier Besancenot et Michaël Löwy, Pour un dialogue sans langue de bois entre libertaires et marxistes. s/l: Éditions du monde libertaire/Les éditions libertaires*, 2015.

Infelizmente nenhum dos dois livros foi ainda publicado no Brasil e, por esse motivo, torna-se importante a tradução dos textos que seguem. O primeiro, de autoria de Michael Löwy e Olivier Besancenot, “Resposta a René Berthier” foi publicado no blog de Michael Löwy e, em seguida, no *site* do órgão da Federação Anarquista (FA), *Le Monde Libertaire*.³ Já tendo lido esta “resposta”, René Berthier concedeu entrevista ao órgão da FA tratando da temática de seu livro. As traduções que seguem apresentam, portanto, a continuidade do debate acerca das possibilidades e obstáculos para uma aproximação entre marxistas e anarquistas.

Cumprir notar que, ao verter esses dois textos ao português, estou usurpando o campo dos tradutores de ofício, pois não me encontro entre eles. Trata-se aqui de uma tradução militante, como é da tradição do movimento operário e social. Algumas poucas observações sobre a apresentação da tradução se fazem necessárias. As notas de rodapé na entrevista de René Berthier são da edição de *Le Monde Libertaire*. As raras notas do tradutor estão indicadas por N.T. entre parênteses. Entre colchetes colocamos a tradução dos títulos dos livros citados.

Por fim, agradecemos aos autores, que nos autorizaram a publicação dos respectivos textos e a Antônio David e Marisa Midori, que nos ajudaram com algumas dúvidas de tradução (sendo, obviamente, totalmente do tradutor a responsabilidade pelos possíveis erros).

Felipe Castilho de Lacerda, julho de 2016.

3. Os links são, respectivamente: <https://blogs.mediapart.fr/michael-lowy/blog/110416/marxisme-et-anarchisme>; http://monde-libertaire.net/?article=OUI_ALLUMONS_UNE_BOUGIE_PLUTOT_QUE_MAUDIRE_LOBSCURITE_! Último acesso de ambos em 28 de junho de 2016.

Marxismo e anarquismo

Sim, acendamos uma vela em vez de amaldiçoar a escuridão!

Resposta a René Berthier

Ficamos honrados e mesmo tocados que um teórico do anarquismo tão importante quanto René Berthier dedique um livro de 275 páginas em resposta ao nosso pequeno opúsculo *Affinités Révolutionnaires. Nos étoiles rouges et noires. Pour une solidarité entre marxistes et libertaires* [Afinidades revolucionárias. Nossas estrelas vermelhas e negras. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários] (Paris, Fayard, Mille et une nuits, 2014). Certamente é uma obra polêmica, porém mais aberta que certas críticas vindas de nossos camaradas “bolcheviques-leninistas”. O título, *Affinités non électives* [Afinidades não eletivas] parece unicamente negativo, mas esse não é, longe disso, o efetivo conteúdo de seu livro. Desde a primeira página, observando que quisemos colocar deliberadamente em relevo a fraternidade entre os dois movimentos, ele escreve: “Isso me parece uma excelente ideia” (p. 5).

Digamos, para começar, que aprendemos muito ao ler este livro; RB fez uma verdadeira pesquisa histórica e várias de suas análises ou informações nos parecem interessantes. É claro que também temos várias discordâncias! Para dar uma resposta satisfatória aos argumentos de René Berthier, seria-nos necessário escrever... todo um livro. Iremos, portanto, limitar-nos, nesse breve artigo, a alguns pontos essenciais, tanto de convergência quanto de divergência.

Para começar, devemos confessar a culpa quanto a algumas críticas que nos fez René Berthier (RB):

- 1) Nosso livro é muito “básico”, “elementar”, “acessível a um público sem grande formação política” (p. 14). De fato, escolhemos escrever em uma linguagem acessível a todo trabalhador, a todo jovem interessado pelas ideias revolucionárias e não somente aos militantes já formados e informados.
- 2) Nosso livro “parece ser o feito de apenas dois indivíduos” (p. 252). De fato, esse é nosso ponto de vista pessoal, não consultamos nem o Birô Político, nem o Comitê Central... mas é igualmente o caso de RB que explica, em uma nota introdutória, que ele se exprime “a título estritamente pessoal” (p. 5). Estamos, portanto, no mesmo barco.

Acrescentemos que nosso livro, contrariamente ao que parece sugerir RB, não tem “função interna nas complexas engrenagens de tendências que percorrem o NPA” (p. 13). Seria falta de confiança na força de atração das ideias libertárias crer que nos apropriamos delas apenas para fins de “luta interna” no NPA...

- 3) “Podemos já fazer uma ideia da concepção que têm Besancenot & Löwy das ‘afinidades revolucionárias’ ao constatar a presença de um retrato de página inteira de Marx, mas nenhum retrato de Proudhon, Bakunin, Kropotkin”. De fato, é inadmissível haver omitido a imagem de um desses grandes pensadores anarquistas; nós havíamos previsto uma gravura de Bakunin, mas não conseguimos obter a autorização do artista. Dito isso, se observarmos as sete imagens que ilustram nosso livro, veremos que duas (2) correspondem a marxistas – Marx e Rosa Luxemburgo – enquanto as cinco (5) outras pertencem ao mundo libertário: um cartaz com os sete mártires de Chicago, um cartaz da CNT de 1936, os retratos de Louise Michel, Emma Goldmann e Buenaventura Durruti. Esperemos que isso permita fazer uma ideia de nossa concepção das afinidades...

Há duas afirmações categóricas de RB que nos parecem discutíveis: as convergências entre marxistas e libertários não tiveram lugar na realidade prática mas do ponto de vista da teoria; ou então, quando elas tiveram lugar na prática, foram “sempre” aniquiladas pelas tentativas dos marxistas de “liquidar os anarquistas” (p. 174). Ora, sem negar os conflitos (Makhno!), parece-nos que houve muitas convergências entre as duas correntes “na realidade prática”, desde a Comuna de Paris até o Maio de 68, passando evidentemente pela Espanha de 1936-37, sem nenhuma “tentativa de liquidação”: marxistas revolucionários e anarquistas estavam, literalmente, “do mesmo lado da barricada”.

Tentemos agora seguir mais ou menos a ordem dos capítulos do livro de RB. Aquele sobre a Associação Internacional dos Trabalhadores é um dos mais interessantes. Nossa principal discordância recai sobre a afirmação de que para Marx “o proletariado deve se apossar do poder utilizando as formas institucionais criadas pela burguesia” (p. 27). Ora, como se sabe, Marx diz exatamente o contrário em seu célebre escrito sobre a Comuna de Paris, *A Guerra Civil na França*: os trabalhadores não podem se apossar do aparelho de Estado burguês, devem destruí-lo. Evidentemente, RB conhece esse texto mas pensa que é uma “falsificação

histórica”, que não corresponde em nada a seu real pensamento, tal como se encontra, p. ex. no *Manifesto Comunista* (65-66). Esse argumento nos surpreende. Onde está a “falsificação”? O “real pensamento” de Marx simplesmente mudou, e à luz da experiência da Comuna ele radicalizou consideravelmente sua reflexão política no sentido de um antiestatismo.

O que não sabíamos e aprendemos graças ao livro de RB, é a *démarche* unitária dos jurassianos, depois da cisão da Primeira Internacional. Por ocasião do funeral de Bakunin, em julho de 1876, eles rejeitam “as recriminações pessoais entre homens que no fundo perseguem o mesmo objetivo” e chamam à reconciliação entre partidários do Estado operário e partidários da livre federação de produtores – uma reconciliação que lhes parece “muito útil, muito desejável e muito simples” (p. 39). RB lembra também de outras tentativas de unificação, tal como a participação dos anarcossindicalistas no congresso de 1896 da Internacional Socialista.

O capítulo sobre a revolução russa se interessa sobretudo pela repressão do governo bolchevique contra os anarquistas; sem grandes discordâncias aqui, falamos também longamente disso no nosso livro. Em contrapartida, achamos pouco convincente a tentativa de RB de caracterizar a Revolução de Outubro como “golpe de Estado” ou “Termidor”. Golpe de Estado? A derrocada do governo burguês de Kerenski foi decidida pelo Comitê militar do Soviete de Petrogrado e aprovada no dia seguinte pela esmagadora maioria dos delegados do Congresso Panrusso dos Sovietes – maioria composta de bolcheviques e social-revolucionários de esquerda. “Termidor”? Isso quereria dizer que Kerenski era o equivalente de Robespierre ou Saint-Just e Lenin ou Trotsky os Tallien e Barère da Revolução russa...

É uma pena que René Berthier não tenha julgado útil discutir Kronstadt e Makhno em seu livro, com o argumento de que tudo já foi dito pelos livros de Skirda. Gostaríamos de saber se ele está de acordo ou não com nossa análise desses eventos trágicos: é ainda mesmo o grande pomo de discórdia entre marxistas revolucionários e libertários. Ele dá sua opinião de passagem, em uma frase que nos parece bastante discutível: certamente, diz ele, Besancenot e Löwy, reconhecem que a repressão bolchevique contra Kronstadt foi “um erro e uma falha”, mas eles sustentam, contra toda evidência, que “não havia alternativa, era isso ou abrir a porta à reação” (p. 10). Ora, o que escrevemos é bem diferente: insistimos acerca da “profunda responsabilidade dos bolcheviques nesse drama fratricida”, porque eles “recusaram a proposição de mediação dos anarquistas internacionalistas como Emma Goldmann”. Havia, portanto,

uma alternativa! E eis aqui nossa conclusão: “Claramente, o esmagamento de Kronstadt significou que, no campo dos soviets, não havia mais lugar para debater livremente o curso seguido pela Revolução”.

Sobre a Espanha, não parece haver maiores oposições entre nossa análise e aquela de RB. Ele nos critica por mencionarmos 16 vezes o nome do POUM e 16 vezes o da CNT que era cem vezes mais importante, mas esse não é realmente um desacordo fundamental, sendo o essencial o combate comum de ambos contra o fascismo, e, em maio de 1937, contra o estalinismo.

A respeito das figuras das quais introduzidos pequenas biografias, RB nos critica por termos desejado fazer de Rosa Luxemburgo uma “anarquista” ou de “arrastar Emma Goldman e Durruti na direção do marxismo” (p. 12). Parece haver aqui um pequeno mal-entendido: apenas demos relevo ao fato de que anarquistas (como Daniel Guérin) se interessaram pela figura de Rosa Luxemburgo, enquanto marxistas (como Andreu Nin) tiveram admiração por Durruti. Quanto a Pierre Monatte, que jamais abandonou suas convicções revolucionárias, parecemos bastante injusto apresentá-lo simplesmente como alguém que “renegou o anarquismo” e “traiu o sindicalismo revolucionário”... Esse é mesmo o tipo de polêmica do qual temos todo o interesse em nos desembaraçarmos.

No capítulo “Convergências”, RB propõe uma análise da influência de Proudhon sobre Marx – que nos deixa um pouco céticos – e uma discussão da influência mútua entre Bakunin e Marx, que nos parece notável. Esse é um tema que também abordamos em nosso livro, mas em RB está bem melhor desenvolvido e argumentado. A tentativa de Daniel Guérin de formular um “marxismo libertário” teria merecido uma discussão mais profunda; em contrapartida, partilhamos das reservas de RB a respeito da tentativa de Maximilien Rubel de fazer de Marx um grande pensador anarquista.

As convergências aparecem também no capítulo sobre as questões políticas controversas entre as duas correntes. René Berthier propõe uma análise que nos parece excelente das analogias entre o programa da CGT-SR, formulada por Pierre Besnard em 1930 e o Programa de Transição de Leon Trotsky em 1938. Um pesar: nessa seção (e no resto do livro) praticamente não se trata da ecologia, uma dimensão que nos parece essencial do projeto revolucionário no século 21 e onde certos anarquistas, como Murray Bookchin (discutido em nosso livro) desempenharam um papel pioneiro.

Entre as questões incômodas, a da participação nas eleições ocupa um lugar importante nesse capítulo. RB insiste que o anarquismo não se opõe ao sufrágio universal, à democracia ou à representação: o que ele rejeita categoricamente são as formas burguesas desses procedimentos. Os anarquistas, ele acrescenta, não são abstencionistas fanáticos, e como prova eles votaram na Frente Popular na Espanha em 1936 (pp. 233-236). Muito bem! Mas então, por que proclamar que as eleições não são uma divergência tática com os marxistas, mas “uma divergência fundamental” (p. 235)? Reconhecemos, por outro lado, e o dizemos em nosso livro, que as organizações marxistas mais radicais não estão imunes ao perigo do eleitoralismo. Mas não achamos muito produtivo o tipo de exigência em forma de ultimato formulado por RB: “podemos encontrar convergências com os marxistas revolucionários, com a condição de que eles abandonem definitivamente a ideia de apresentar candidatos às eleições” (p. 248). O que diria RB se, de nossa parte, avançássemos a seguinte ideia: “podemos encontrar convergências com os anarquistas, com a condição de que eles aceitem definitivamente a necessidade de participar das eleições”? Pensamos que não é sob essa forma que se pode avançar na unidade das lutas e na convergência em combates comuns...

Em sua conclusão, o amigo René Berthier vê em nosso livro a possibilidade de abrir um diálogo “com nossos primos-irmãos no movimento operário” para ver o que podemos fazer juntos. Pois, acrescenta, “vale mais acender uma só e minúscula vela do que amaldiçoar sem fim a escuridão”. Estamos mil vezes de acordo! Acendamos juntos não somente uma, mas milhares de velas, e pode ser que um dia a luz se torne fogo de incêndio...

Saúde e fraternidade,
Olivier Besancenot, Michael Löwy

Afinidades não eletivas – entrevista de René Berthier⁴

Le Monde Libertaire: As Éditions du monde libertaire e as Éditions libertaires publicaram em coedição um livro de René Berthier, *Affinités non électives* [Afinidades não eletivas], que leva no subtítulo as seguintes palavras: “A propósito do livro de Olivier Besancenot e de Michael Löwy”. Trata-se, evidentemente, de *Affinités révolutionnaires, Nos étoiles rouges et noires* [Afinidades revolucionárias, nossas estrelas vermelhas e negras], publicado pelas edições Mille et une nuits. O livro dos dois militantes do NPA busca pôr em evidência as “alianças e solidariedades ativas entre os dois movimentos”. No entanto, você diz na introdução que seu livro não busca “estritamente dar uma resposta a *Affinités révolutionnaires*”. Você pode explicar?

René Berthier: O livro de Besancenot e Löwy não me pareceu o tipo de obra ao qual se pode dar uma resposta. O discurso que é mantido nesse livro dá a aparência de uma vontade de aproximação e de diálogo, mas na verdade, lendo-o atentamente, tive a impressão de que esse não era de modo algum o caso. Eles atenuaram de tal forma as diferenças entre anarquismo e marxismo que a gente não se reconhece mais. Quando se lê que os bolcheviques ajudaram as massas a “organizar a socialização da produção na base”, compreende-se logo que não se está em um registro “histórico”, mas em um registro “recrutamento”. Essa é uma afirmação tão absurda, tão fora da realidade, que não se pode respondê-la senão colocando as inumeráveis citações de Lenin contestando categoricamente a menor tentação de “dar o poder à base”.

M.L.: Mas então por que ter escrito o seu livro?

R.B.: Na verdade, muitos camaradas eram contrários à redação de uma “resposta”. Eles pensavam que não valia a pena. Essa é uma atitude muito frequente no movimento anarquista. Face à mentira, à manipulação, pensa-se que a verdade acabará de alguma forma eclodindo. Essa é uma atitude bastante platônica: pensa-se que os maus são maus porque ignoram a verdade: basta, então, revelá-la a eles. Eu digo em alguma parte do meu livro que os anarquistas sofrem de uma espécie de síndrome da vítima. É algo que me enerva bastante. Eu acho, no que me concerne, que não se deve nunca deixar o terreno livre às falsificações. É preciso sempre reagir.

4. Essa entrevista foi realizada por *Le Monde Libertaire*, órgão da Fédération anarchiste, e publicada em seu *site* a 7 de abril de 2016. Pode ser acessada no original no seguinte link: http://monde-libertaire.net/?article=Affinites_non_electives_-_Interview_de_Rene_Berthier_ (N.T.)

O livro de Besancenot e Löwy, apesar de seu tom um pouco “mundo encantado”,⁵ é uma manipulação. É por isso que mais que “responder” a esse livro, eu quis simplesmente retomar mais ou menos os mesmos temas, mas os apresentando conforme aquilo que penso ser a realidade. Os leitores julgarão.

M. L.: Você espera convencer os autores de *Affinités révolutionnaires*?

R. B.: É claro que não. Eu encontrei Michael Löwy – Besancenot naturalmente não estava livre – e discutimos longamente. Esse foi um momento muito agradável, mas eu penso que alguém que militou 20, 30, ou, como eu, 40 anos em um movimento político não se deixa facilmente convencer de que se enganou toda sua vida. As pessoas são muito comprometidas pessoalmente, afetivamente; são imbricadas em coisas demais para poderem se liberar delas. Evidentemente não é para eles, nem para os “veteranos” de sua corrente, que escrevi esse livro, mas para os militantes libertários que podem ter sido atraídos pelo discurso de Besancenot e Löwy, mas também para os leitores que não são necessariamente militantes, mas que estão interessados nas questões políticas. Talvez alguns militantes do NPA poderão se interessar, nunca se sabe... Os companheiros libertários que me exprimiram suas dúvidas quanto à necessidade de escrever *Affinités non électives* não pareciam ver que o livro de Besancenot e Löwy poderia atrair pessoas – jovens na maioria, creio eu – que se encontram nos círculos mais ou menos concêntricos de simpatizantes do movimento libertário. Creio que era necessário que eles tivessem acesso a um outro ponto de vista. Creio que nunca se deve abandonar o terreno.

M. L.: Existe uma grande diferença de tom entre *Affinités révolutionnaires* e *Affinités non électives*. O primeiro é manifestamente mais acessível para alguém que não tenha grandes conhecimentos em teoria e história. Poderíamos dizer que o livro deles é bastante “básico” enquanto o seu é mais “intelectual”. Você não acha que isso poderia ser uma deficiência?

R. B.: É engraçado isso que você diz porque eu recebi uma “Resposta a René Berthier” assinada por Olivier Besancenot e Michael Löwy, na qual eles fazem alusão a esse problema. Essa resposta aparecerá em breve no *Monde Libertaire* na versão impressa.

5. A expressão original utilizada pelo entrevistado é *bisounours*, que, literalmente, significa “ursinhos carinhosos”, título de um desenho animado infantil. A expressão, irônica, designa alguém que vive num mundo encantado, perfeito e utópico, onde tudo é bom e belo. (N.T.)

À minha observação segundo a qual o livro deles era “básico” demais, “elementar”, “acessível a um público sem grande formação política”, eles respondem: “De fato, escolhemos escrever em uma linguagem acessível a todo trabalhador, a todo jovem interessado pelas ideias revolucionárias e não somente aos militantes já formados e informados”. Isso significa que meu livro não é “acessível a todo trabalhador, a todo jovem interessado pelas ideias revolucionárias”? Eu o contesto categoricamente.

Primeiramente, é preciso ter mesmo um pouco de respeito pelos leitores. O fato de se dirigir a uma pessoa que não possui uma grande cultura política, teórica, histórica não justifica que lhe apresentemos os fatos de maneira distorcida. Ora é isso que fazem Besancenot e Löwy, ao longo das páginas. É isso, sobretudo, que me fez reagir originalmente. Isso é, da parte deles, uma espécie de “abuso de vulnerável” se você entende o que quero dizer. Eu não suporto que se aproveitem da fragilidade das pessoas para manipulá-las – no caso presente, trata-se de fragilidade ao nível do conhecimento. O fato de que certas pessoas tenham lacunas ao nível do saber não é uma vergonha. A vergonha é não tentar preencher as lacunas. Ora, como eu disse, eu contesto que meu livro seja inacessível.

M.L.: Fiz uma conta um pouco idiota, admito, e fiquei surpreso ao constatar que afinal você fala pouco dos autores de *Affinités révolutionnaires*: em média, uma vez a cada 7 páginas. Você tem uma explicação?

R.B.: Vejo que você teve acesso ao texto digital, do contrário fazer tal conta seria um trabalho de condenado. Não tenho explicação, mas é verdade que minha escolha não foi, como disse, de responder ao livro deles. Se eu tivesse buscado responder a seus argumentos um a um, Besancenot e Löwy teriam sido evidentemente muito mais citados. No geral eu simplesmente retomei os temas que eles tratam e os tratei à minha maneira. Não era, portanto, necessário citá-los a todo instante. Acrescento que certas coisas que digo não refletem necessariamente o ponto de vista do movimento libertário em geral ou da FA [Federação anarquista] em particular. Na verdade, concebi meu livro como uma espécie de “manual elementar de educação anarquista”. Ele poderia muito bem servir de livro de base para se informar sobre a história e a teoria anarquistas. A presença de uma quantidade limitada de evocações aos autores de *Affinités révolutionnaires* não é um embaraço, nessa perspectiva. Faltariam evidentemente algumas seções. Aliás, há temas de que não tratei. Em sua “Resposta a René Berthier”, Besancenot e Löwy me criticam, de forma justa, por não ter tratado da ecologia. É de fato verdade, mas isso foi deliberado de minha parte.

A ecologia se tornou o lugar comum, a etapa incontornável de todo “programa político”. Para dizer a verdade, e sob o risco de surpreender, a ecologia me aborrece profundamente, na forma como ela é entendida hoje em dia por muitas pessoas. Para os políticos da ecologia, isso se tornou uma caça para um bom prato, e considero que essas pessoas são completamente desconsideradas. Em segundo lugar, muitas pessoas confundem ecologia com ambientalismo. Um cocô de cachorro na calçada é um problema ambiental (é verdade que é desagradável). Mas um cocô de cachorro é biodegradável. Bem, digamos que eu provoco um pouco. Mas eu sei que muitos camaradas pensam como eu, sem talvez ousar dizer.

Os trotskistas fizeram com a ecologia como haviam feito com a “autogestão”: integraram em seu sistema de pensamento quando havia se tornado um lugar comum. Quanto aos libertários, eles não têm nenhum tipo de complexo, a despeito do fato de que nosso movimento está dividido sobre essa questão, especialmente sobre a questão do “decrecimento” e do “produtivismo”. Autores como Kropotkin, Elisée Reclus, mas também uma parte da corrente individualista, abriram largamente o caminho.

M.L.: A propósito, Besancenot e Löwy te criticam por não ter falado da ecologia, mas te criticam por não ter falado do feminismo?

R.B.: Não, eles não me criticam por essa lacuna. Aí também é deliberado de minha parte. Mas eu me corriji um pouco ao colocar em anexo a biografia (muito sumária, eu o reconheço) de três mulheres, Nathalie Lemel, porque era uma militante da AIT que aderiu praticamente desde a sua fundação, que fez parte de seus anônimos que foram os verdadeiros criadores da Internacional, que participou da insurreição da Comuna, fundadora da primeira organização de mulheres, deportada para a Nova Caledônia, que continuou a luta pela condição da mulher no seu retorno e que morreu na miséria. Eu poderia ter citado Louise Michel ou Philomène Rozan.⁶ Preferi Nathalie Lemel, uma anônima. Maria “Maryusa” Nikiforova porque eu estava cansado que a luta armada na Ucrânia durante a revolução fosse monopolizada por Makhno, apesar da simpatia que eu tenho por ele: Maryusa, à época dos eventos, era mais conhecida que Makhno, foi uma notável chefe de guerra agindo sobretudo em terreno urbano. Capturada pelos brancos, foi executada, ao mesmo tempo que seu marido, em 16 de setembro de 1919. Ela foi em seguida relegada ao esquecimento a duplo título: porque ela fez parte dos

6. Claire Auzias, Annik Houel, *La grève des ovalistes*, Payot, 1982.

perdedores e porque era uma mulher. Ela foi totalmente ocultada pelo movimento libertário, mas é necessário prestar homenagem a Makhno que foi um dos poucos a mencioná-la em seus escritos. Eu sublinho que, sem poder afirmar com toda a certeza, ela foi talvez uma das primeiras militantes transgênero. A questão mereceria ser explorada.

Finalmente, Lucy Parsons, uma personagem muito complexa de quem eu gostaria de ter falado mais: eu admito ter me “autocensurado” um pouco no que a concerne. Suas relações com o movimento anarquista dos EUA foram movimentadas, mas eu resumo: sua oposição a Emma Goldman foi devida à reação de classe de uma autêntica proletária contra aquilo que ela devia considerar (com ou sem razão) como uma anarquista intelectual pequeno-burguesa. Sua aproximação do partido comunista, sem que se possa dizer com certeza que ela tenha aderido, é sem dúvida a consequência das carências do movimento anarquista. Vou sem dúvida fazer inimigos, mas é minha convicção e é uma questão a explorar. Talvez o tema de um próximo livro?

M.L.: A última parte de seu livro (8. Questões) é talvez a mais original na medida que ela trata de questões que se poderia qualificar de “programáticas”: poder, federalismo, autogestão, planificação, etc. É por essa parte que você achou bom precisar que as ideias que você desenvolvia em seu livro envolviam apenas você?

R.B.: Sim, em grande parte. Existem questões que eu abordo que não perfazem necessariamente unanimidade no movimento libertário, mas que são objeto de debate.

Eu busco, por exemplo, manter certa distância da noção de autogestão porque ela se tornou lugar comum, uma sorte de panaceia que supostamente resolve todos os problemas. Ora, de modo geral, os grandes pensadores anarquistas pouco se importam com a autogestão: o que os interessa é como reger a organização global da sociedade e para eles é o federalismo. Não é que a gestão das empresas não seja importante, mas isso não é o essencial. A fixação na noção de autogestão, penso eu, impediu uma verdadeira reflexão sobre a organização da sociedade no seu todo.

Da mesma forma, cito frequentemente Proudhon e Bakunin, que eram partidários da descentralização política, mas que preconizavam a centralização econômica, no sentido em que as decisões sobre a organização da sociedade devem ser objeto de um debate descentralizado, mas uma vez as orientações gerais adotadas, sua colocação em prática deve ser relativamente centralizada – no limite das medidas necessárias para

controlar as decisões, garantir a rotação de mandatos e sua revogação. De maneira imagética, digo que a política ferroviária da França não pode ser decidida pela assembleia geral dos trabalhadores da estação de Bécon-les-Bruyères.

Quando sou convidado a participar de “bate-papos” sobre essas questões, constato que esse discurso se sai muito bem no movimento anarquista, o que não seria certamente o caso há vinte ou trinta anos. Houve, portanto, uma evolução que me parece bastante positiva.

M.L.: Seu capítulo sobre o “Programa de transição” é uma brincadeira?

R.B.: De forma alguma. A anedota sobre Trotsky, que pede a proteção da CGT-SR é autêntica, ela nos foi contada por uma testemunha direta. Trotsky estava perfeitamente a par do que se passava no movimento revolucionário na França e não podia ignorar a literatura publicada pela CGT-SR. Acredito ser relativamente convincente mostrando as analogias (para além das diferenças evidentes de abordagem) entre o programa de “transição” exposto em *Os sindicatos operários e a revolução social*, publicado em 1930 pela CGT-SR, e o Programa de transição de Trotsky datado de 1938. Acredito que seja a primeira vez que essas analogias são expostas preto no branco (mas posso estar enganado). No entanto nós falávamos já nos anos 70 do tempo da Aliança sindicalista,⁷ pois a testemunha de que falo, Julien Toublet, antigo tesoureiro da CGT-SR, fazia parte da Aliança e nós discutíamos essas coisas.

Mas, para além disso, eu redigi esse capítulo para sugerir que o movimento libertário deveria talvez considerar projetar um programa de ação e de realizações podendo servir de ponto de apoio para desenvolver nossas ideias no movimento operário, próximo dos trabalhadores. É preciso, acredito eu, parar de brandir os cartazes de “autogestão” nas manifestações, com os quais ninguém se importa, que não significa nada para as pessoas, e avançar proposições mais concretas. Após o último congresso da FA, alguns camaradas se reuniram de maneira bastante informal para discutir o que chamamos um “Programa mínimo de base”. Trocas *extremamente interessantes* tiveram lugar, e acredito que seria bom reativar essa “comissão informal”.

7. Ver: *A propos de l'Alliance syndicaliste*, éditions No Passaran (sans date). Igualmente: http://monde-nouveau.net/IMG/pdf/Alliance_syndicaliste_A5.pdf

M.L.: Último ponto: qual é para você o diálogo entre anarquistas e marxistas?

R.B.: Pessoalmente, sou favorável ao diálogo e à reflexão, mas não acho que o livro de Besancenot e Löwy seja um convite ao diálogo. E depois, tudo depende sobre o que incide esse diálogo. Se se trata de questões de ação cotidiana, veremos: veremos ao avançar.

- Se é sobre questões teóricas, o diálogo me parece possível se chegarmos a falar da mesma coisa, mas é aí que reside o problema: a história, francamente cômica, de Lenin que quer dar o poder à base dá a medida do problema: o pior é que eu acredito que Besancenot e Löwy acreditam *realmente* no que dizem.

- Se é sobre questões estratégicas, forçoso é constatar que *Affinités révolutionnaires* age como um funil: sem perceber o leitor é impelido à base do funil, para a parte estreita e se vê confrontado à única solução possível: a participação na estratégia eleitoral. Nisso, não podemos estar de acordo.

Insisto sobre o fato de que os anarquistas não se opõem ao sufrágio universal como tal. Mas Bakunin dizia que não se emancipará jamais o proletariado enviando deputados ao Parlamento. Sem dúvida o NPA o sabe bem, mas justamente: obstinando-se em apresentar candidatos a cada eleição (e mobilizando permanentemente os militantes nessa tarefa estéril), eles não fazem senão afiançar o sistema. Acredito que o movimento revolucionário deveria seriamente se colocar três questões:

- Qual é a viabilidade hoje de uma “revolução” no sentido que a entendemos até o presente?

- A alternativa tática não seria o investimento dos militantes em todas as estruturas da sociedade civil?

- Qual poderia ser uma verdadeira estratégia revolucionária para o século XXI?

Estou convencido de que sobre essas três questões um diálogo é de fato possível.